

A Mídia Brasileira e a Eleição Presidencial de 2000 nos EUA: A Cobertura do Jornal *Folha de S. Paulo*.¹

Mauro P. Porto

A eleição presidencial de 2000 nos Estados Unidos e os conflitos que a sucederam foram objeto de intensa cobertura jornalística pela mídia mundial e o Brasil não foi exceção. A disputa pela presidência norte-americana e o impasse estabelecido durante a apuração dos votos geraram um conjunto inusitado de eventos que acabaram por levantar uma série de questões e desafios difíceis para a mídia e os jornalistas dos demais países. Como interpretar a disputa presidencial? Como definir as características principais do sistema eleitoral dos Estados Unidos? Como fazer sentido do sério impasse que se seguiu ao dia da eleição? São estes eventos um sinal da força da democracia americana? Ou são eles a prova definitiva do seu fracasso e obsolescência?

Estes eventos e as questões por eles levantadas oferecem uma oportunidade excepcionalmente rica para investigar as características da cultura jornalística de cada país e como esta cultura interage com o campo da política. A forma pela qual os diferentes meios de comunicação brasileiros responderam a estas questões em sua cobertura jornalística da eleição presidencial de 2000 nos EUA revela, em grande medida, as características principais da cultura profissional do jornalismo praticado no país.

Este trabalho tem como objetivo a identificação das principais características da cobertura jornalística da eleição estadunidense de 2000 pelo jornal brasileiro de maior circulação, a *Folha de S. Paulo*. Estas

¹ Este artigo apresenta uma versão reduzida do trabalho "Framing the 2000 U.S. presidential election: The coverage by the Brazilian media", apresentado à 51a. Conferência Anual da International Communication Association (ICA), Washington D.C., Estados Unidos, 25 a 28 de Maio de 2001.

características são identificadas a partir de uma análise de conteúdo das notícias publicadas no jornal, tanto no período da campanha eleitoral, como durante o impasse que teve lugar na apuração dos votos. O texto está dividido em quatro seções. A primeira apresenta o marco teórico da pesquisa, principalmente o conceito de “enquadramento” (*framing*). A segunda seção apresenta os resultados da análise de conteúdo das notícias divulgadas no período da campanha e a terceira daquelas publicadas durante o impasse que se seguiu. Finalmente, as conclusões ressaltam a relevância dos resultados da pesquisa para os debates sobre o jornalismo brasileiro e seu papel político.

MARCO TEÓRICO: O CONCEITO DE ENQUADRAMENTO

Para investigar como o jornal *Folha de S. Paulo* cobriu a eleição presidencial norte-americana de 2000, a análise está baseada na literatura acadêmica sobre o conceito de “enquadramento” (*framing*).² O conceito tem sido utilizado para definir os “princípios de seleção, ênfase e apresentação” usados por jornalistas para organizar a realidade e o noticiário. De acordo com esta definição, enquadramentos são padrões persistentes de interpretação através dos quais os manipuladores de símbolos organizam discursos de forma rotineira (Gitlin, 1980, pp. 6-7). Na cobertura de assuntos públicos, enquadramentos permitem aos jornalistas e, em grande medida, suas audiências, organizar e interpretar temas e eventos políticos de forma específica. Ao produzir o noticiário, jornalistas se baseiam em discursos que estão presentes na esfera pública, mas também contribuem com seus próprios enquadramentos, dando forma aos “pacotes interpretativos” que fazem parte de qualquer cultura (Gamson e Modigliani, 1989). Indivíduos frequentemente usam os enquadramentos da mídia em conversas e discussões sobre problemas sociais e políticos (Gamson, 1995) e estes enquadramentos têm um importante efeito no modo como a audiência interpreta estes problemas (Iyengar, 1991; no caso brasileiro, ver Alde, 2001 e Porto, 2001).

Este artigo tem como objetivo identificar os enquadramentos usados na cobertura da eleição presidencial norte-americana do ano de 2000 pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Na análise de conteúdo do período eleitoral, eu identifiquei quatro tipos principais de enquadramento:

² Consultar Entman (1994) e Scheufele (1999) para revisões mais sistemáticas e completas sobre os estudos realizados nesta tradição.

1. *Enquadramento temático (thematic frame)*. O termo “enquadramento temático” designa os padrões interpretativos que enfatizam as posições e propostas dos candidatos sobre os aspectos substantivos da campanha. A ênfase das notícias que adotam este ponto de vista está nas plataformas e programas representados pelos diferentes candidatos. Em períodos não-eleitorais, o enquadramento temático tem sido definido em termos de um tipo de noticiário que situa os assuntos públicos em contextos mais gerais e abstratos, o que geralmente exige um tipo de jornalismo mais interpretativo e analítico (Iyengar, 1991, p. 14).

2. *Enquadramento “corrida de cavalos” (horse race frame)*. Este enquadramento concebe a evolução da campanha como uma corrida entre os candidatos. A ênfase está em quem está avançando ou quem está ficando para trás e, portanto, nos resultados das pesquisas e nas estratégias de campanha dos candidatos. Estudos sobre a cobertura das eleições presidenciais nos Estados Unidos têm ressaltado a forte presença do enquadramento corrida de cavalos no noticiário sobre as campanhas dos candidatos (Patterson, 1980, 1993; Robinson and Sheehan, 1983; Hallin, 1994, pp. 133-152). Outros pesquisadores utilizam os termos “enquadramento estratégico” ou “game frame” para descrever a tendência da mídia de cobrir assuntos políticos em termos das estratégias e motivações dos políticos e outras elites (Cappella e Jamieson, 1997; Lawrence, 2000). Neste trabalho, utilizo o termo enquadramento corrida de cavalos para descrever o marco interpretativo utilizado por jornalistas na cobertura da eleição presidencial norte-americana de 2000 que ressalta a performance dos candidatos nas pesquisas e suas estratégias de campanha.

3. *Enquadramento centrado na personalidade*. A tendência da mídia de dar preferência a atores individuais e de focalizar eventos a partir de dramas humanos, relegando considerações políticas e institucionais, tem sido identificada por vários estudos (Gitlin, 1980; Bennett, 1988). Autores têm usado os termos “enquadramento de impacto humano” (*human impact frame*) ou de “interesse humano” (*human-interest frame*) para descrever este foco da cobertura jornalística em indivíduos (Neuman, Just e Criegler, 1992; Neely, 1999). Neste trabalho, utilizo o termo enquadramento centrado na personalidade para referir-me às notícias que enfatizam as características e a vida pessoal dos candidatos e outros atores, incluindo descrições das suas habilidades e qua-

lidades e a reação dos eleitores a eles ou elas enquanto pessoas.

4. *Enquadramento episódico*. A última categoria a ser aplicada na análise da cobertura da *Folha* sobre as eleições presidenciais dos EUA em 2000 é o enquadramento episódico. Neste tipo de cobertura, jornalistas basicamente se restringem a relatar os últimos acontecimentos sem a utilização dos enfoques que caracterizam os demais tipos de enquadramentos. No caso da imprensa norte-americana, Patterson (1993) identificou uma forte predominância de notícias “descritivas”; apesar do fato de que este tipo de cobertura tem declinado com o avanço de um jornalismo mais interpretativo (veja também Barnhurst e Mutz, 1997). Alguns autores definem o enquadramento episódico em termos de um noticiário orientado por eventos que gera reações individualistas na audiência, em lugar da consideração de argumentos orientados a fatores sociais ou estruturais mais amplos (Iyengar, 1991). Neste estudo, utilizo o termo enquadramento episódico para referir-me às notícias centradas em eventos que relatam “fatos” ou declarações de atores, adotando portanto um tipo mais descritivo de cobertura.

Estas quatro categorias de enquadramento serão utilizadas para analisar a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* sobre a eleição presidencial de 2000 nos EUA. A próxima seção apresenta os resultados da análise de conteúdo sobre a cobertura do período da campanha eleitoral que foi desenvolvida com base neste marco teórico.

A COBERTURA DO PERÍODO DA CAMPANHA ELEITORAL

Nesta seção, desenvolvo uma análise de conteúdo da cobertura noticiosa que o jornal *Folha de S. Paulo* apresentou no período que antecedeu o dia da eleição presidencial norte-americana. O período de análise vai da convenção do Partido Republicano (31 de julho de 2000) até o dia seguinte à eleição (8 de novembro de 2000), em um total de 101 dias. A amostra inclui apenas a cobertura noticiosa, excluindo, portanto, editoriais, colunas de opinião, e a tribuna de debates. A análise não inclui também as pequenas notas de um parágrafo que foram publicadas na seção “Panorâmica” do jornal. Quase todas as notícias analisadas foram publicadas na primeira página ou na seção internacional, que no caso da *Folha* aparece sob o título “Mundo”. Apenas notícias sobre a eleição para presidente dos EUA foram incluídas na amostra, excluindo-se assim aquelas referentes às eleições para o Congresso norte-americano. Finalmente, cabe ressaltar que a análise se restringiu ao texto

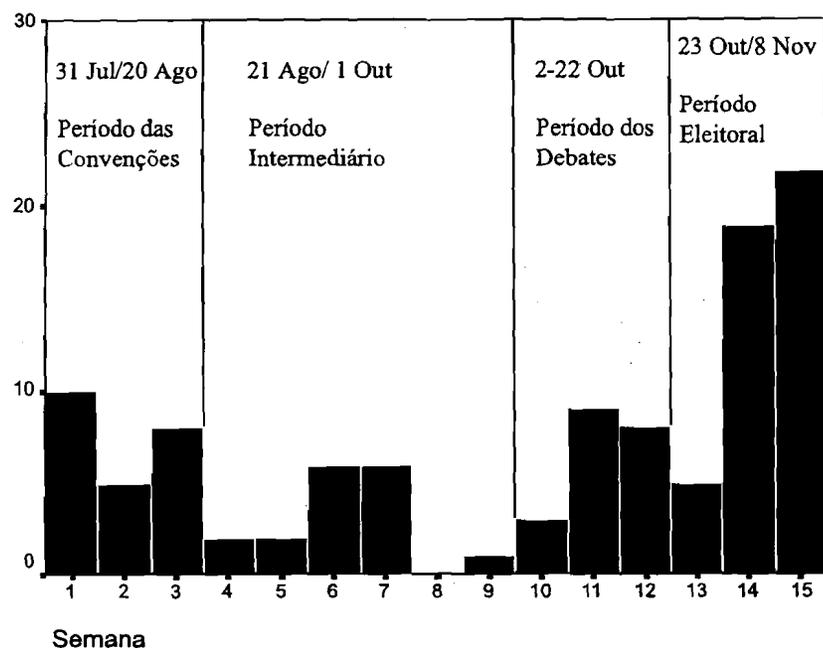
noticioso, não considerando, portanto, as fotografias e outras ilustrações.

Após a definição da amostra, o principal procedimento metodológico foi a classificação das notícias de acordo com um esquema de codificação, tendo a notícia individual como unidade de análise. Cada notícia foi então classificada de acordo com seu enquadramento predominante e outras variáveis.

O Volume da Cobertura no Período Campanha Eleitoral

Uma primeira questão considerada foi a seguinte: quanto espaço o jornal *Folha de S. Paulo* dedicou às eleições norte-americanas? No período de 101 dias entre a convenção do Partido Republicano (31 de julho) e o dia seguinte às eleições (8 de novembro), a *Folha* publicou 106 notícias sobre a disputa eleitoral e, portanto, uma média um pouco superior a uma notícia por dia. Todavia, como seria de se esperar, estas notícias não foram distribuídas de forma homogênea durante o período eleitoral. A Figura 1 apresenta a distribuição das notícias durante as quinze semanas do período de análise. Os dados revelam que a cobertura esteve concentrada em torno dos principais eventos da campanha. O primeiro período (semanas 1 a 3) esteve dominado pela cobertura das convenções dos partidos Republicano e Democrata. A fase intermediária que se seguiu (semanas 4 a 9) atraiu menos cobertura, já que nenhum evento importante teve lugar no período. A cobertura cresceu novamente no terceiro período (semanas 10 a 12) devido principalmente aos três debates realizados com os dois principais candidatos, George W. Bush e Al Gore. Com a aproximação do dia das eleições, a cobertura cresceu de forma substancial, quando o período eleitoral (semanas 13 a 15) atraiu a maior parte do noticiário. Apesar do fato de que a última “semana” foi composta por apenas três dias (6 a 8 de novembro), ela foi a que atraiu o maior número de notícias. Portanto, a *Folha* forneceu aos seus leitores uma cobertura jornalística significativa das eleições norte-americanas, com algumas exceções, como, por exemplo, a semana de número 8 (18 a 24 de setembro), quando o jornal não publicou uma única notícia sobre a disputa presidencial dos EUA.

Figura 1 – Frequência das notícias sobre as eleições presidenciais dos EUA de 2000 publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* (31 de julho a 8 de novembro). *



A origem das notícias sobre as eleições

Outro tema investigado diz respeito à origem das notícias publicadas no jornal sobre as eleições norte-americanas. Durante todo o período da campanha eleitoral, a *Folha* manteve um correspondente especial nos Estados Unidos e seus repórteres locais na cidade de São Paulo também contribuíram com suas próprias matérias. Além de seus repórteres, o jornal traduziu e publicou artigos de outras publicações, principalmente da imprensa dos EUA. Torna-se importante, portanto, distinguir entre as notícias produzidas pelo quadro de jornalistas da *Folha* e aquelas produzidas por outros meios de comunicação e agências noticiosas. A Tabela 1 apresenta a classificação das notícias de acordo com sua origem. Os jornalistas da *Folha* foram responsáveis por quase

* Número total de notícias = 106. Todas as semanas incluem um período de sete dias, de segunda a domingo, com exceção da semana 15, que inclui apenas três dias (6 a 8 de novembro).

metade do noticiário (47%) e seus correspondentes nos Estados Unidos produziram a grande maioria das reportagens. Por outro lado, mais da metade das notícias foram escritas por jornalistas estrangeiros, principalmente norte-americanos, ou foram escritas a partir das agências de notícias internacionais. Se considerarmos as 56 notícias que não foram escritas pelo quadro de jornalistas da *Folha*, encontramos o jornal *The New York Times* como a fonte mais importante: 24 notícias (43% dos itens do noticiário de origem externa) publicadas pela *Folha* tinham como origem o jornal norte-americano. A segunda fonte estrangeira mais importante de notícias foram as agências de notícias internacionais, seguidas por outras publicações estrangeiras.

Tabela 1 – Classificação das notícias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* durante o período da campanha eleitoral de acordo com sua origem (31 de julho a 8 de novembro de 2000).

Origem da notícia:		Total
Jornalistas da <i>Folha</i>	Correspondentes nos EUA	40.6 %
	Repórteres Locais	6.6 %
		47.2 % (n=50)
Fontes Estrangeiras	<i>The New York Times</i>	22.6 %
	Outros jornais dos EUA	3.8 %
	Agências noticiosas	14.2 %
	Outras fontes estrangeiras	12.2 %
		52.8 % (n=56)

Portanto, ao se analisar como a *Folha* cobriu as eleições presidenciais norte-americanas, torna-se importante distinguir entre o conteúdo produzido pelo seu quadro de jornalistas e o noticiário produzido por ou baseado em fontes estrangeiras. Neste artigo, utilizo duas categorias principais com relação à origem do noticiário. Primeiro, utilizo o termo “artigos de jornalistas da *Folha*” para designar as reportagens escritas pelos correspondentes e repórteres locais do jornal. Segundo, utilizo o termo “artigos de fontes estrangeiras” para referir-me a itens escritos por ou baseados em jornais estrangeiros e agências noticiosas internacionais. É importante notar que no primeiro grupo predominaram os correspondentes da *Folha* nos Estados Unidos, enquanto que no caso do

segundo grupo as principais fontes foram o jornal *The New York Times* e as agências noticiosas internacionais.

Como a *Folha* enquadrrou a eleição presidencial?

Após especificar a intensidade da cobertura apresentada pela *Folha de S. Paulo* e a origem do noticiário, apresento nesta seção uma análise dos enquadramentos utilizados pelos jornalistas na cobertura da campanha presidencial de 2000 nos EUA. As notícias foram classificadas de acordo com quatro tipos principais de enquadramento: temático, corrida de cavalos, centrado na personalidade e episódico. A Tabela 2 apresenta os resultados desta classificação e também divide as notícias de acordo com sua origem (jornalistas da *Folha* ou fontes estrangeiras). Os dados mostram que o enquadramento mais freqüente, dominante em 35% das notícias, foi o corrida de cavalos. A ênfase nos resultados das pesquisas eleitorais, em “ganhadores e perdedores”, e nas estratégias eleitorais dos candidatos predominou tanto nas notícias escritas pelos jornalistas da *Folha*, como naquelas originadas de fontes externas, com uma ênfase mais forte no caso do segundo grupo. O segundo enquadramento mais freqüente foi o episódico, com notícias que basicamente descreviam eventos de campanha sem contextualizá-los em termos dos demais enquadramentos. Como no caso do enquadramento corrida de cavalos, a ênfase descritiva em eventos foi mais forte entre as fontes estrangeiras. O terceiro enquadramento mais freqüente foi o temático, com itens que ressaltavam as posições dos candidatos e suas propostas. Neste caso, o enquadramento predominou entre os jornalistas da *Folha*, que produziram o dobro de matérias temáticas quando comparados às fontes estrangeiras. O quarto enquadramento mais comum foi o centrado na personalidade, enfatizando as qualidades pessoais dos candidatos. Estes aspectos apareceram mais freqüentemente nas notícias produzidas por, ou baseadas em, fontes estrangeiras. Finalmente, nenhum enquadramento dominante foi identificado em 10 das 106 notícias (9.4%). Esta categoria inclui notícias mistas que apresentaram mais de um enquadramento, sem que nenhum deles tivesse uma posição dominante, ou outros marcos interpretativos.

Tabela 2 – Classificação das notícias do jornal *Folha de S. Paulo* de acordo com seu enquadramento dominante e sua origem (31 de julho a 8 de novembro de 2000).

Enquadramento:	Todas as notícias:	Notícias dos jornalistas da <i>Folha</i>	Notícias de fontes externas:
Corrida de Cavalos	34.9 %	32.0 %	37.5 %
Episódico	28.3 %	24.0 %	32.1 %
Temático	15.1 %	20.0 %	10.7 %
Centrado na Personalidade	12.3 %	10.0 %	14.3 %
Misto/Outro	9.4 %	14.0 %	5.4 %
Total	100% (n=106)	100 % (n=50)	100 % (n=56)

Pearson Chi-Square = 4.844 (p<.304).

Portanto, a grande maioria das notícias sobre as eleições norte-americanas publicadas pela *Folha de S. Paulo* focalizou os aspectos de corrida de cavalos da campanha ou se limitou a descrever eventos (63% das notícias), enquanto as propostas e posicionamentos dos candidatos foram o foco de apenas 15% das reportagens. As notícias produzidas por, ou baseadas em fontes estrangeiras, apresentaram uma ênfase maior nos enquadramentos corrida de cavalos, episódico e centrado na personalidade e menor nas propostas dos candidatos. Entretanto, as diferenças entre os dois grupos não são estatisticamente significativas. Portanto, a cobertura da *Folha* como um todo seguiu um padrão muito similar, independentemente da origem das notícias. Após identificar os padrões gerais do enquadramento dado pelo jornal às eleições presidenciais dos EUA, passarei a descrever em maior detalhe como os jornalistas utilizaram cada tipo de enquadramento em suas reportagens.

a) Enquadramento corrida de cavalos

Uma parte significativa do noticiário que adotou este tipo de enquadramento foi composta de reportagens que apresentavam os resultados das pesquisas eleitorais, enfatizando quem estava subindo ou descendo nos números. Jornalistas também ressaltaram a importância das pesquisas para eleitores e ativistas dos partidos e, conseqüentemente, para o clima geral da campanha. Nenhum item ilustra melhor este enfoque do que um artigo publicado originalmente no jornal *The New York Ti-*

mes (“Al Gore tenta levar disputa para o campo das idéias”, 19 de agosto). Ressaltando como a convenção do Partido Democrata estava tentando mudar a imagem do candidato como um indivíduo “maçante e rígido”, a reportagem cita um delegado do estado de Ohio: “As sondagens exercem um efeito psicológico. É como quando você vai ao jôquei, olha a lista de cavalos que vão correr e vê que seu cavalo não está bem colocado nas previsões”. Difícil imaginar uma interpretação mais explícita da campanha como uma corrida de cavalos.

Mesmo quando jornalistas trataram das propostas dos candidatos, eles ou elas freqüentemente as enquadraram em termos das estratégias manipuladoras que tinham como objetivo apenas atrair eleitores. No artigo “Bush rejeita mérito econômico de Clinton” (2 de agosto), a ênfase do correspondente especial da *Folha*, Marcio Aith, não está na política econômica do candidato Bush, mas sim em como os Republicanos estavam enfrentando o problema de fazer uma campanha de oposição em um período de expansão econômica. Segundo o jornalista, as pesquisas mostravam que os eleitores estavam associando o bom desempenho da economia ao Presidente Clinton, mas que ele não havia tido sucesso em transferir este crédito para seu candidato, Al Gore. A plataforma Republicana, que havia sido aprovada dois dias antes na convenção do partido, é interpretada pelo jornalista em termos de uma estratégia que visava prevenir esta transferência de créditos. Os Republicanos estariam tentando atingir este objetivo ao atribuir as causas da expansão econômica aos governos Republicanos que antecederam a era Clinton. O mesmo tema reaparece três meses depois em outro artigo publicado anteriormente no jornal *The New York Times* (“Prosperidade não garante vitória de Gore”, 2 de novembro). O foco da matéria está nas dificuldades de Al Gore em associar sua imagem à prosperidade econômica da era Clinton e, portanto, nas estratégias e táticas de campanha do candidato.

Os três debates televisivos entres os dois principais candidatos, Gore e Bush, também foram cobertos em termos do enquadramento corrida de cavalos. As notícias sobre os debates freqüentemente focalizaram o seu impacto nas pesquisas eleitorais ou apresentaram os resultados de pesquisas que apontavam quem havia “ganho” o debate. Pouca ênfase foi dada ao conteúdo do que foi dito nestes eventos. Artigos adotando o enquadramento corrida de cavalos também ressaltaram como os eventos de campanha eram organizados e agendados de acordo com es-

tratégias eleitorais. Assim, nas semanas que precederam o dia das eleições, as decisões dos candidatos sobre quais estados visitar foram explicadas em termos das características do sistema eleitoral americano. Uma reportagem baseada em agências internacionais argumentou que as agendas dos candidatos eram determinadas por suas estratégias de vencer nos “estados decisivos” do colégio eleitoral (“Estados populosos podem favorecer Democratas”, 2 de novembro). Em outras ocasiões, eventos são julgados em termos de seu possível impacto nas pesquisas. O *exposé* sobre a multa que o candidato Bush recebeu em 1976 por dirigir sob a influência de álcool foi discutida em um artigo publicado originalmente no jornal britânico *The Independent* nestes termos (“Revelação sacode uma campanha monótona”, 4 de novembro).

Um tema comum nas estórias que adotaram o enquadramento corrida de cavalos foi a estratégia utilizada pelos candidatos para atrair eleitores. No dia da eleição, o correspondente da *Folha* argumentou que as estratégias dos dois principais candidatos eram caracterizadas por um “centrismo eleitoral”, uma estratégia na qual os candidatos produzem “metamorfoses ideológicas” para atrair eleitores independentes e ampliar suas bases eleitorais (“Candidatos usam ‘centrismo’ de Clinton”, 7 de novembro). De acordo com vários expertos citados na matéria, Clinton teria inaugurado esta estratégia nas campanhas de 1992 e 1996. Resultados de pesquisas eleitorais são citados para justificar a conclusão de que a estratégia centrista de Bush estaria tendo mais sucesso, já que o Republicano estava atraindo um número maior de eleitores independentes.

b) O enquadramento episódico

Como vimos anteriormente, o segundo enquadramento mais freqüente na cobertura da *Folha*, dominante em 28% das notícias, foi o episódico. Nestas reportagens, jornalistas se dedicaram a algumas tarefas básicas. Em primeiro lugar, eles ou elas freqüentemente se limitaram a relatar fatos atuais, principalmente ao descrever eventos de campanha, tais como convenções, debates e comícios. Em outras ocasiões, jornalistas relataram as crenças ou atitudes de atores, geralmente limitando-se a citar suas afirmações. Finalmente, várias reportagens apresentaram informações aos eleitores sem o contexto que caracteriza os demais tipos de enquadramento. Por exemplo, o correspondente do jornal nos Estados Unidos informou que o senador Joseph Lieberman, escolhido como companheiro de chapa de Al Gore, visitou o Brasil em 1998 como envi-

ado especial do Congresso dos EUA (“Indicado atuou no Brasil durante a crise do Real”, 8 de agosto). A matéria enfatizou os objetivos da missão de Lieberman e sua agenda no Brasil, transcrevendo algumas das afirmações feitas pelo candidato à vice-presidência na ocasião. O tom dominante da reportagem, como em todas as matérias episódicas, foi descritivo.

c) O enquadramento temático

Apesar do claro predomínio dos enquadramentos corrida de cavalos e episódico na cobertura das eleições norte-americanas pela *Folha de S. Paulo*, a posição dos candidatos sobre os aspectos substantivos da campanha também recebeu alguma atenção. Nestas matérias, a ênfase não estava nas estratégias dos candidatos ou em resultados de pesquisas eleitorais, mas em seus programas e propostas. Um dos principais assuntos das notícias temáticas foi a política externa dos candidatos, especialmente no que se refere ao seu possível impacto nas relações entre os Estados Unidos e o Brasil. Em uma matéria baseada em entrevista com o assessor de política externa de Bush, Robert Zoellick, o correspondente da *Folha* discutiu as propostas do candidato Republicano para a América Latina, sugerindo que uma eventual presidência Republicana melhoraria as relações dos EUA com a região (“Bush prioriza relação com América Latina”, 1 de agosto). A matéria cita a afirmação do assessor de Bush, segundo a qual o candidato Republicano aceitaria o pedido feito por países emergentes, principalmente Brasil e China, para excluir questões trabalhistas e as relativas ao meio ambiente das negociações da Organização Mundial do Comércio. Todavia, o correspondente também ressalta que a plataforma aprovada na convenção do Partido Republicano era “menos gentil” com os países em desenvolvimento do que o que estava sendo sugerido pelo assessor de Bush. O correspondente ressaltou em particular a posição da plataforma do partido sobre o Fundo Monetário Mundial e o Banco Mundial.

Ao avaliar a plataforma aprovada pela convenção do Partido Democrata, o correspondente da *Folha* argumentou que ela continha “propostas fortemente contrárias” às posições do governo brasileiro e de outros países emergentes (“Plataforma de Gore contraria posições do Brasil”, 16 de agosto). O jornalista aponta para o fato de que a plataforma propõe estabelecer padrões ambientais, sociais e de direitos humanos em empréstimos do FMI e do Banco Mundial. A reportagem argu-

menta que o Brasil e a China são alguns dos países que temem que estas condições podem ser usadas pelos Estados Unidos como uma desculpa para aumentar políticas protecionistas e como instrumento para ganhar disputas de comércio com países emergentes.

Algumas reportagens compararam as posições dos candidatos em uma área ou tema específico. Uma matéria do correspondente discutiu as diferenças nas propostas dos dois principais candidatos na área da política externa (“Bush teme ‘Vietnã’ na Colômbia; Gore vê exagero”, 17 de agosto). Uma excelente matéria escrita por um jornalista espanhol tratou do mesmo tema (“Candidatos discordam sobre política externa”, 17 de outubro). Outra, escrita pelo correspondente, comparou como as plataformas dos candidatos dos partidos Democrata e Republicano afetariam o Brasil e os projetos de integração regional do continente (“Plataforma republicana prioriza Brasil e Alca; a dos democratas, não”, 6 de novembro).

d) O enquadramento centrado na personalidade

Outro marco interpretativo usado pelos jornalistas para cobrir a eleição presidencial foi o baseado na personalidade dos candidatos. Quando Bush foi oficialmente lançado candidato pela convenção do Partido Republicano, o correspondente da *Folha* apresentou um resumo da sua biografia (“Republicanos oficializam a candidatura de Bush”, 4 de agosto). O jornalista argumenta que a adolescência de Bush esteve marcada por festas e álcool e que ele fracassou como empresário, tornando-se político sobre a sombra do pai. O repórter também comenta que o candidato frequentemente comete gafes, devido às suas dificuldades de verbalizar algumas palavras e sua tendência de confundir os nomes dos países. De acordo com a matéria, estas gafes viram matéria-prima para as piadas dos comediantes. Outra notícia, publicada originalmente no *The New York Times*, discutiu a reação dos eleitores às qualidades pessoais dos candidatos, principalmente o fraco conhecimento de política externa do candidato Republicano (“Bush mostra fraqueza em política externa”, 11 de outubro). A matéria apresenta Gore como uma pessoa inteligente, mas que tem uma irritante tendência de contar pequenas mentiras e de dizer coisas para agradar a audiência. Por outro lado, Bush é apresentado como alguém que não tem bom conhecimento de política internacional e como tendo dificuldades de verbalização.

Os debates entre os dois principais candidatos foram frequentemente cobertos em termos do seu desempenho na alteração das percepções negativas dos candidatos pelos eleitores. Duas pequenas

matérias publicadas no dia 13 de outubro avaliaram o desempenho dos candidatos no segundo debate de acordo com esta perspectiva. A primeira nota, publicada originalmente no jornal *The New York Times*, argumentou que Bush teria tido sucesso em aparecer mais inteligente e Gore em aparecer menos agressivo e formal (“Voto dos indecisos vai decidir eleição”). A segunda nota, do jornal *The Washington Post*, afirmou que a principal razão pela qual Gore não estava liderando nas pesquisas “é o fato de o público ainda ter dúvidas quanto à pessoa de Al Gore, principalmente em relação à veracidade do que ele diz” (“Eleitor ainda tem dúvida sobre Gore”).

É interessante notar que jornalistas usaram as qualidades pessoais dos candidatos para responder uma das principais questões da campanha: Por que a prosperidade econômica não estava ajudando o candidato do Partido Democrata nas pesquisas? O correspondente da *Folha* deu uma explicação centrada na personalidade dos candidatos: os eleitores acham que Bush é uma pessoa mais autêntica (“Economia vai bem, mas não ajuda Gore”, 5 de novembro). Expertos são citados afirmando que por causa de algumas de suas afirmações, como a ter sido ele o inventor da Internet, os eleitores passaram a ver Gore como alguém que tenta ser algo que não é.

e) Outros enquadramentos

Alguns dos enquadramentos utilizados por jornalistas para cobrir a campanha não se encaixaram nas quatro principais categorias. O mais importante deles foi o marco interpretativo que enfatizou as características “dinásticas” ou “monarquistas” do sistema político dos Estados Unidos. Uma matéria do correspondente sobre a convenção do Partido Republicano interpretou a política americana em termos de um sistema monárquico dominado pela dinastia Bush (“Convenção aclama dinastia Bush”, 3 de agosto). Poucos dias depois, uma reportagem publicada originalmente no jornal *The New York Times* apresentou o mesmo ponto de vista (“Para o clã Bush, evento é reunião familiar”, 6 de agosto). O enquadramento reaparece três meses depois, no dia anterior às eleições, em uma matéria de um jornalista da *Folha* (“Pleito mantém tradição dinástica dos EUA”, 6 de novembro).

A COBERTURA DOS CONFLITOS NA APURAÇÃO DOS VOTOS

Além de investigar como o jornal *Folha de S. Paulo* enquadrou o período eleitoral, também desenvolvi uma análise de conteúdo da cobertura dos conflitos que ocorreram após as eleições. O período de análise

vai do dia em que o impasse foi anunciado no jornal (9 de novembro) ao dia seguinte ao discurso de Al Gore que reconheceu a vitória do adversário (14 de dezembro), incluindo, portanto, 35 dias. A análise de conteúdo do período dos conflitos pós-eleição buscou responder algumas questões centrais: como o principal jornal brasileiro interpretou as disputas sobre a contagem dos votos no estado da Flórida? Que enquadramentos os jornalistas utilizaram para fazer sentido do adiamento da decisão final das eleições? Portanto, esta seção trata de um nível mais específico de enquadramento. Em lugar das quatro categorias mais gerais utilizadas na análise do período eleitoral, a ênfase passa a estar nas interpretações que a cobertura noticiosa apresentou sobre eventos específicos que tiveram lugar no período após as eleições.

Como a *Folha* enquadrou os conflitos após a eleição?

A confusão na contagem dos votos no estado da Flórida e os conflitos em torno do resultado final das eleições presidenciais dos Estados Unidos foram objeto de uma intensa cobertura por parte da *Folha de S. Paulo*. Nos 35 dias do período entre a eleição e a decisão final sobre seus resultados, o jornal publicou 151 notícias, em uma média de 4 por dia. A cobertura deste período foi, portanto, quatro vezes mais intensa do que a oferecida no período da campanha eleitoral.

Para o período pós-eleitoral, a análise de conteúdo teve como objetivo a identificação das interpretações apresentadas pelo noticiário da *Folha* sobre o impasse que foi estabelecido no período da apuração dos votos. Todas as notícias contendo referências às causas, significados e, principalmente, responsabilidade pelos eventos do período foram classificadas. Estas referências foram encontradas em apenas 30 das 151 notícias. O baixo número de matérias com alguma análise ou enquadramento sobre estes eventos (20%) sugere que os/as jornalistas evitaram a apresentação de avaliações, adotando um enfoque mais descritivo. Portanto, é importante notar que a análise a ser apresentada a seguir não é representativa de toda a cobertura do período pós-eleitoral. Ela se refere a este conjunto menor de notícias que ofereceram aos leitores da *Folha* alguma análise ou interpretação, na base da qual a causa, relevância ou consequência dos eventos pudessem ser esclarecidas.

As 30 notícias foram classificadas de acordo com quatro tipos principais de enquadramento. A Tabela 3 apresenta os resultados desta classificação. As causas da confusão na apuração dos votos foram atribuídas principalmente às características do sistema eleitoral dos Estados Unidos. Esta interpretação esteve presente em quase metade das 30 notícias da amostra. Em seguida aparecem os enquadramentos que avaliaram o papel das instituições políticas do país e dos meios de comuni-

cação de massa. Finalmente, a quarta interpretação com maior presença no noticiário da *Folha* foi a que argumentou que a derrota no voto popular enfraqueceria a legitimidade de uma eventual administração Bush. Outros tipos de enquadramento estiveram presentes em 15% das notícias.

Tabela 3 – Interpretações sobre o impasse nas eleições que foram apresentadas por 30 notícias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* no período pós-eleitoral (9 de novembro a 14 de dezembro).

Interpretação:	Frequência:
Responsabilidade do sistema eleitoral	42.4%
Responsabilidade das instituições políticas	15.1%
Responsabilidade da mídia	15.1%
Derrota no voto popular enfraquece Bush	12.1%
Outras interpretações	15.1%
Total:	33 (100%) *

* Este número é maior do que o número de notícias da amostra (30) porque três reportagens apresentaram mais de uma interpretação.

A seguir, apresento alguns exemplos de cada um dos enquadramentos que caracterizaram a cobertura dos conflitos que ocorreram após a eleição presidencial norte-americana de 2000.

a) A responsabilidade do sistema eleitoral

A interpretação mais freqüente no noticiário da *Folha* no período que sucedeu o dia de votação, presente em 14 das 30 matérias, foi a que explicou o impasse em termos das limitações e defeitos do sistema eleitoral dos Estados Unidos. Em alguns casos, os profissionais da *Folha* apresentaram este enquadramento de forma explícita. Um jornalista da empresa argumentou, por exemplo, que os conflitos durante a contagem dos votos colocam em questão o sistema eleitoral do país (“Divisões enfraquecem o vencedor”, 24 de novembro). No último dia do período pós-eleitoral, o correspondente concluiu que “O longo impasse pós-eleitoral mostrou que o país que dá lições de democracia ao mundo precisa mudar a forma com que escolhe seu presidente” (“Bush leva”, 14 de dezembro). Apesar destes casos de interpretação explícita sobre os conflitos na apuração, jornalistas geralmente citaram outras fontes para apresentar visões críticas sobre o sistema eleitoral dos Estados Unidos. Um artigo publicado originalmente no *The New York Times* ci-

tou líderes políticos norte-americanos com este objetivo. O senador Republicano Mitch McConnell argumenta que “na aurora do século 21, é imperdoável que a democracia mais avançada do mundo ainda recorra a sistemas de voto criados pouco após a segunda guerra mundial”. O líder Democrata Scott Harshbarger é citado afirmando que o fiasco no estado da Flórida tornou imperativa uma revisão dos métodos de votação e concluiu: “Esse sistema do século 19 é totalmente ultrapassado e inaceitável” (“Congresso quer mudar eleições”, 14 de dezembro).

As leis e instituições eleitorais do Brasil foram comparadas com as dos Estados Unidos. Uma das matérias publicou a afirmação do presidente Fernando Henrique que apresentou as eleições municipais do Brasil como um exemplo de consolidação democrática. O presidente argumenta que o “poderoso vizinho” não conseguiu contar os votos tão rapidamente e de forma tão eficiente como o Brasil, onde os resultados finais da eleição foram divulgados no mesmo dia da votação devido a um sistema completamente informatizado (“FHC ironiza demora na apuração”, 11 de novembro). Uma pequena nota publicou trechos de um editorial do *The New York Times* afirmando que o sistema eleitoral brasileiro é mais avançado que o dos EUA (“Jornal elogia sistema de voto no Brasil”, 25 de novembro). O editorial afirma ainda que o Brasil concluiu com sucesso sua primeira eleição inteiramente informatizada, quando mais de 100 milhões de pessoas votaram com a ajuda de computadores.

O fato de que sistemas obsoletos de votação tendem a predominar em comunidades mais pobres e marginalizadas também foi ressaltado. Em uma notícia publicada originalmente no jornal *The New York Times*, o candidato Al Gore argumentou que “O equipamento velho e barato é geralmente instalado em áreas com população de baixa renda, minorias ou idosos” (“Negro teve mais chance de ter voto anulado”, 30 de novembro). A reportagem também apresentou acusações da liderança do movimento negro (do reverendo Jesse Jackson e da NAACP) segundo as quais as autoridades do estado da Flórida bloquearam de forma sistemática o acesso de negros aos locais de votação ou impediram seus registros como eleitores.

b) A responsabilidade das instituições políticas

Os conflitos do período pós-eleitoral também foram enquadrados em termos das deficiências das instituições políticas norte-americanas. Este criticismo foi freqüentemente direcionado às instituições do estado da Flórida. Um assessor do candidato Al Gore afirmou em uma das matérias que a procuradora geral do estado era uma marionete da família Bush que estava intencionalmente manipulando o processo eleitoral para beneficiá-los (“Juiz manda continuar recontagem na Flórida”,

14 de novembro). Mas foi a Suprema Corte que atraiu um número maior de enquadramentos críticos. Um repórter do *The New York Times* argumentou que a decisão da Corte que levou à suspensão da recontagem dos votos seguiu divisões ideológicas entre os seus juizes, o que teria deixado claro para a população que esta decisão era uma intervenção política a favor de Bush. Segundo o jornalista, haveria um grande risco de que a legitimidade da Corte fosse colocada em questão devido ao caráter partidário de suas decisões (“Supremo Federal corre o risco de perder a legitimidade”, 12 de dezembro). De forma similar, um jornalista espanhol do *El País* argumentou que o caráter partidário das deliberações do judiciário refletiriam a polarização extrema da política dos Estados Unidos (“Desfecho da disputa será político”, 13 de dezembro). No último dia do período pós-eleitoral, um dos repórteres da *Folha* apresentou várias avaliações críticas sobre a decisão final da Suprema Corte. Um professor universitário expressou preocupação sobre a possibilidade de que os juizes da Corte possam passar a ser vistos pela sociedade norte-americana como indivíduos sem neutralidade. Na mesma matéria, o líder negro do Partido Democrata Jesse Jackson é citado dizendo que a decisão da Corte teria sido politicamente motivada, enfraquecendo sua autoridade moral (“Decisão do Supremo provoca críticas”, 14 de dezembro).

c) A responsabilidade da mídia

O papel da mídia no período pós-eleitoral também foi objeto de avaliações críticas. Um artigo do colunista Elio Gaspari argumentou que as redes de televisão enganaram o público ao contratarem o mesmo instituto para fazer a pesquisa de boca de urna na Flórida, em um desastre sem paralelo na história da mídia norte-americana. O jornalista interpreta o fiasco na noite da eleição, quando as televisões cometeram o erro de anunciar primeiro a vitória de Gore, e posteriormente a de Bush, como resultado da falta de repórteres na Flórida. As redes de televisão teriam deixado a cobertura na mão de “barões”, jornalistas célebres que estavam longe dos fatos (“Jornalismo sem repórter é uma catástrofe”, 9 de novembro). Uma matéria publicada originalmente no jornal *The New York Times* criticou a forma pela qual as redes de televisão cobriram a deliberação final da Suprema Corte, argumentando que os repórteres não conseguiram apresentar interpretações claras e coerentes sobre a decisão da Corte (“Emissoras de televisão americanas se atrapalharam mais uma vez”, 14 de dezembro).

d) A derrota no voto popular como ameaça à legitimidade de Bush

As matérias publicadas na *Folha* também avaliaram as consequências do fato de que Bush poderia se tornar o primeiro presidente

dos EUA no século 20 a ser eleito sem conquistar a maioria dos votos populares. O correspondente da *Folha* apresentou esta interpretação no primeiro dia do período pós-eleitoral. Posteriormente, outro repórter do jornal argumentou que a confusão e os conflitos que se seguiram às eleições eram uma ameaça para a legitimidade do próximo presidente (“Divisões enfraquecem vencedor”, 24 de novembro). No último dia do período pós-eleitoral, o correspondente da *Folha* concluiu: “As eleições de 2000 expuseram uma divisão marcante da população norte-americana e provocaram uma longa e desgastante batalha pós-eleitoral, que poderá macular os quatro anos de mandato de Bush e levantar sérias dúvidas sobre a legitimidade da vitória do Republicano” (“Decisão confusa da justiça garante vitória”, 14 de dezembro).

CONCLUSÕES

Os resultados da análise de conteúdo da cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* sobre a eleição presidencial de 2000 nos EUA revelou um claro predomínio de dois enquadramentos: corrida de cavalos e episódico. Este tipo de cobertura gera duas importantes questões. A primeira diz respeito ao impacto destes enquadramentos na visão da audiência sobre a política em geral e a eleição norte-americana em particular. Pesquisas anteriores nos Estados Unidos mostram que a ênfase em estratégias e táticas dos políticos e candidatos impede que os eleitores aprendam mais sobre o processo eleitoral, principalmente no que se refere às posições dos candidatos (Patterson, 1980). O enquadramento do processo político em termos de um jogo estratégico também contribui para ativar cinismo sobre o mundo da política no público (Capella e Jamieson, 1997). Por outro lado, notícias episódicas geram respostas de natureza individualista na audiência, impedindo que as pessoas percebam as conexões entre problemas sociais e as ações dos líderes políticos (Iyengar, 1994). Em resumo, a ênfase nos enquadramentos corrida de cavalos e episódico, e a conseqüente falta de atenção para os aspectos substantivos das campanhas, não contribui para promover um envolvimento efetivo da cidadania no processo político em geral e em processos eleitorais em particular.

A segunda questão que emerge dos resultados da análise diz respeito às características da cultura jornalística no Brasil. O que estes resultados revelam sobre o jornalismo brasileiro? Segundo alguns autores, o modelo norte-americano, baseado na noção de objetividade, foi o que teve o maior impacto no desenvolvimento do jornalismo brasileiro, apesar de outras influências. (Marques de Melo, 1985; Lins da Silva, 1991). Outros autores sugerem que as especificidades do contexto político, social e cultural do país levaram a uma “reinterpretação” do mode-

lo de jornalismo independente praticado nos Estados Unidos (Albuquerque, 2000). De fato, pesquisas com jornalistas brasileiros sugerem que eles ou elas tendem a adotar funções interpretativas e investigativas em uma proporção maior do que seus colegas dos Estados Unidos (Herscovitz e Cardoso, 1998). Todavia, os resultados da análise de conteúdo indicam que, pelo menos no caso da cobertura de eleições em outros países, os jornalistas brasileiros adotam procedimentos de enquadramento muito semelhantes aos dos seus colegas norte-americanos, principalmente no que se refere à ênfase na “corrida de cavalos” e à adoção de um estilo mais descritivo de reportagem. A inexistência de diferenças significativas entre o padrão de enquadramento das notícias produzidas pelos jornalistas da *Folha* e o das notícias baseadas em fontes estrangeiras reforça ainda mais esta interpretação.

Quando eclodiram os conflitos sobre a apuração dos votos que acabaram por adiar o resultado final da eleição presidencial, a *Folha de S. Paulo* ofereceu a seus leitores uma volumosa cobertura jornalística. Entretanto, a maior parte desta cobertura não contextualizou os eventos em termos de marcos interpretativos ou analíticos que poderiam ajudar o público na análise do significado dos conflitos. Pesquisas com consumidores de meios noticiosos demonstram que a apresentação destas avaliações pelos jornalistas é importante, já que uma cobertura fatural sem interpretação não faz muito sentido para a audiência (Graber, 1994). No caso do noticiário televisivo, por exemplo, uma pesquisa sobre o *Jornal Nacional* da Rede Globo demonstra que apesar do fato de que telespectadores lembram pouquíssimas das informações que são apresentadas, eles ou elas têm um desempenho muito melhor na identificação dos enquadramentos interpretativos apresentados pelas notícias (Porto, 2001). Na sua cobertura dos conflitos do período da apuração dos votos, a *Folha* apresentou interpretações sobre os eventos em apenas 20% das notícias. A natureza episódica da cobertura noticiosa pode ter contribuído para impedir que os leitores do jornal colocassem os conflitos do período em um contexto mais amplo.

Os resultados da análise de conteúdo têm, portanto, pelo menos duas implicações importantes. De um lado, eles revelam semelhanças entre os tipos de enquadramento usados por jornalistas brasileiros e norte-americanos, oferecendo evidências de uma maior convergência entre ambas culturas jornalísticas. Por outro lado, estes resultados também sugerem que o tipo de cobertura desenvolvido pelo jornal *Folha de S. Paulo* nem sempre ajudou seus leitores a avaliar os aspectos substantivos da campanha eleitoral ou o significado dos conflitos que tiveram lugar no período da apuração dos votos.

REFERÊNCIAS:

- Albuquerque, Afonso de
2000 “Um outro ‘Quarto Poder’: imprensa e compromisso político no Brasil,” *Contracampo*, n. 4, pp. 23-57.
- Aldé, Alessandra
2001 “A televisão como repertório de exemplos: mecanismos de incorporação de explicações políticas,” trabalho apresentado ao X Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Brasília, Brasil.
- Barnhurst, Kevin e Diana Mutz
1997 “American journalism and the decline in event-centered reporting,” *Journal of Communication*, Vol.47, n. 4, pp. 27-53.
- Bennett, W. Lance
1988 *News: The Politics of Illusion*. New York: Longman.
- Cappella, Joseph e Kathleen Jamieson
1997 *Spiral of Cynicism*. New York: Oxford University Press.
- Entman, Robert
1994 “Framing: Toward clarification of a fractured paradigm,” in M. Levy and Gurevitch, eds, *Defining Media Studies*. New York: Oxford University Press, pp. 293-300.
- Gamson, William
1995 *Talking Politics*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Gamson, William e Andre Modigliani
1989 “Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach,” *American Journal of Sociology*, 95, pp. 1-37.
- Gitlin, Todd
1980 *The Whole World is Watching*. Berkeley: University of California Press.
- Graber, Doris
1994 “Why voters fail information tests: can the hurdles be overcome?,” *Political Communication*, Vol. 11, pp. 331-346.
- Hallin, Daniel
1994 *We Keep America on Top of the World*. New York: Routledge.

Herscovitz, Heloiza e Adalberto Cardoso
1998 "The Brazilian journalist." In David Weaver (Ed.), *The Global Journalist*.
Cresskill: Hampton Press Inc.

Iyengar, Shanto
1994 *Is Anyone Responsible?*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lawrence, Regina
2000 "Game-framing the issues: tracking the strategy frame in public policy
news," *Political Communication*, Vol. 17, pp. 93-114.

Lins da Silva, Carlos Eduardo
1990 *O Adiantado da Hora*. São Paulo: Summus.

Marques de Melo, José
1985 *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes.

Neely, Francis
1999 *Human-interest frames, competing attitude objects, and understanding
political policies*. Paper presented to the Annual Meeting of the American
Political Science Association, Atlanta GA, September 2-5.

Neuman, Russell, Marion Just e Ann Crigler
1992 *Common Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press.

Patterson, Thomas
1980 *The Mass Media Election*. New York: Praeger.

1993 *Out of Order*. New York: Vintage.

Porto, Mauro
2001 *Media Framing and Citizen Competence: Television and Audiences'
Interpretations of Politics in Brazil*. Ph.D. Dissertation, University of
California, San Diego.

Robinson, Michael and Margaret Sheehan
1980 *Over the Wire and on TV*. New York: Russel Sage Foundation.

Scheufele, Dietram
1999 "Framing as a theory of media effects," *Journal of Communication*, Vol.
49, n. 1, pp. 103-122.

Conflito Político e Geração de Sentido nas Notícias: A Saga do Menino Elián

Luiz Gonzaga Motta

A cobertura pelos jornais de um dramático conflito político, durante um largo período de tempo, pode gerar nos leitores outros sentidos além daquele de unicamente transmitir informações objetivas sobre os acontecimentos? A dramaticidade dos conflitos relatados estimula nas pessoas leituras complementares, além daquelas explícitas pelos enunciados "realistas" das notícias? Estas perguntas levantam inúmeras questões relacionadas à produção e à recepção do texto jornalístico, trazendo consigo interessantes indagações sobre a objetividade do texto jornalístico. Segundo o Wolfgang Iser, estudioso da antropologia da literatura, algo sucede no ato da leitura: o leitor processa o texto e lhe acrescenta sentidos vários, não só aqueles sugeridos pelo próprio texto mas também outros trazidos para o ato de leitura pela memória cultural do leitor, levando-o a tornar a leitura não apenas um ato de recepção mas, um ato de re-criação. Iser se refere ao texto literário, mas muito do que ele sugere para o entendimento do ato de leitura pode ajudar a responder as perguntas acima formuladas e suscitar outras sobre o processo de produção de sentidos. Para ele, como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser "negociados" com o leitor. Diz ele que todo texto consiste de segmentos determinados interligados por conexões indeterminadas e por isso o padrão textual se revela um jogo de interação entre o que está expresso e o que não está. O não expresso impulsiona a atividade de constituição de sentidos, porém sob o controle do que está expresso. Expresso este que também se desenvolve quando o leitor produz o sentido indicado. Desse modo, o significado do texto resulta de uma reto-